

trincheiras de dentro do picadeiro amarello e sombra em diagonal de zero chega e basta aquillo de zero-brim ao sol de chumbo a derreter no amarello do muro igual pra dentro igual pra fóra das janellas fingidas em correnteza de revoltas que morrem pra dentro de brim com clarins a berrarem co'o sol nos metaes amarellos de sol de angulos agudos de reflexos de sol de brim calado de ruinas de moinho de vento a ouvir os fios dos telegrafos e o fumo cinzento dos comboios outro brim de triturar saudades folhas mortas no campo verde e sol com sombra azul dos pinheiros solteiros encostados á nostalgia do fresco da tarde na distancia na agua nos gyrasoes e na outra freguezia com raparigas de chapéus de palla de aba-larga ao sol queimado das raparigas a cantar em cima dos carros de bois cheios de papoilas ao sol das raparigas ao meio dia a passar a ribeira a vau co'as saias arregaçadas até ás vrilhas n'as ao sol com raparigas a urinar acoradas na sombra azul do muro de cal do cemiterio longe da villa de outra cal no ar azul e transparencias e montes que caem no rio com bótes parádos no meio a pescar e hiates que sae com cortiça e lenços brancos a acenar na ponte e encomendas portos e desfolhadas vindimas cirios romarias festas foguêtes bebedeiras pandegas foguêtes harmonium meias brancas com tamanquinhas bordadas a matiz sobre o verniz e chailes vincados da loja e lenços ordinarios verdadeiros e filarmónica e o mestre compadre parente amigo intelligente cara direita bom homem e balões accêsos familias festões de buxo nas bandeiras dos mastros pintados baile e desordens pazes arraial foguêtes s. joão fogueiras noites quentes de verão com balões accêsos no mar e archotes no caes e fogo preso á roda tonto como o coração a namorar a namorar fogo de vistas no ar a cair em cannas seccas no meio da roda e dinamite no echo frio dos montes de noite de luar com foguêtes de lagrymas verdes de luar e bótes enfeitados com bandolins e cantigas e camisas de domingo e corpêtes apertados e bordados dos serões pró domingo de festa nossa senhora saloia com saias debaixo e rendas e cordões de oiro a pezo e espadas simetricas e lagrymas de efeito e manto estreiado entre vel as a arder no fundo azul sombra da capella com metade branca do prior a prégar entre um perfume de rosas cêra roupa-lavada alecrim e tosses e o sol a espreitar plo côro por detraz de um panno encarnado côr de vinho de magusto com castanhas e avental nôvo e serenatas p'lo rio e amôres da aldeia e cheiros da marzia e o e o frio da barra no peito por cima do coração a tremer no mesmo bote que ela e no mesmo banco que ela e no mesmo lugar que ela que é o lugar dos dois que é o lugar prós dois como o chaile d'ella que chega prós dois por môr do frio da barra que não é cinzento nem ao sol porque vae só até ás trincheiras do picadeiro e espreita de fóra e vae outra vez prá barra e só á noite é que é frio da barra dentro do chaile d'ella á beira do rio sosinha um dois um dois cinzento sempre cinzento sempre brim quer se volte pró sol quer se volte prá sombra 1 2 1 2... só até ás trincheiras do picadeiro amarello e sombra em diagonal de brim ao sol côr de caixa de soldados côr de chumbo com cornêta e capitão trez vintens esquerdo esquerdo 1 2 1 2... formar a quatro e casar tarde com ella não é por culpa d'elle nem por culpa d'ella é por culpa do cinzento côr de chumbo do brim ao sol sem expressão verbal só com expressão numerica de taboada de sommar de côr e salteado e de traz para diante a unir fileiras 1 2 1 2... esquerdo esquerdo 1 2 1 2... e a sombra a desfazer-se pró sol de brim a salpicar o sol de grãos de chumbo a rodar a quatro e quatro p'la direita e reguas cinzentas de varêtas de leque de rifa com divisas de brim inutil insignificante a vermelho igual ao zero de chumbo á direita com ella a chorar ao meio-dia co'as janellas fechadas e a porta zangada com o sol sem agua no moringo sem elle prá acompanhar á mina d'agua-férrea por causa do mal de nem querer merendar amóras nem estreiar o chaile novo 1 2 1 2... sol brim sol lata a reluzir nos olhos d'ella ao luar e agora entra-se co'o direito como as morênas que se casam na freguezia com meias brancas e tamanquinhas bordadas a matiz sobre o verniz com meias brancas grossas até meio das côxas côr de moringo molhado á noite á janella pra nevar e matar aquelle calor do ventre por tanto roçar as côxas uma contra a outra uma noite inteira de lua nôva alli sósinha nos lençoes de linho sem dormir em passo acelerado marche 1 2 1 2 1 2 1 2 1 2 1 2 1 2 1 2 direita rodar em frente da capellinha aos domingos sem ninguem pra se casar e sem edital de papel sellado e sem elle de barrête na mão em pé na missa por detraz das môças de joelhos co'os burros a guardar na estalagem e o almoço prontinho e ella sosinha sentada no poço á espera d'elle a atirar pedras pró fundo da agua salôbra num echo de tambores e clarins com cacos de billia quebrada de tambores e clarin em marcha p'lo adro com cornêtas de barro de santo antonio e latas de petroleo e espadas de pau e policias e ladrões e chapéus de jornaes que dá o senhor prior e esquerdo esquerdo esquerdo sempre cinzento com o ideal fechado no tempo militar sem ideal a pesar quinze kilos á esquerda todo prá esquerda na carabina em hombros armas alto numerar a quatro com o clarim outra vez a